

1- O conhecimento tornou-se na filosofia ocidental uma forma de acesso à realidade que tem o objetivo de decodificar os fenômenos e transformá-los em instrumentos comuns. Essa instrumentalização vai variar conforme a linha de raciocínio dos diferentes filósofos e das filosofias. Um exemplo dessa variação situa-se nos argumentos dos que foram denominados de idealistas diante dos empiristas.

O centro dessa diferenciação pode ser sintetizada no seguinte problema: O mundo é acessível à mente antes ou depois da experiência. Para Berkeley o "problema do mundo" diz respeito em como organizar os dessemelhantes em uma semelhança, ou ainda, como reduzir a diferença na identidade? Para executar tal ação, o filósofo estipula a existência de uma substância diante da qual toda a variação está a ela submetida. Assim recorre-se à teoria da participação de Platão pode-se implicar que o mundo sensível estaria em relação com a ideia. Por consequência os entes (aquilo que *é*) se submetem ou se en- em uma relação hierárquica entre ser e não-ser. Por essa maneira tudo aquilo que *é* acessível no mundo só tem essa possibilidade, pois há um substrato que fundamenta a manifestação das coisas. Por outro lado, para Quine o "mundo" com seus esquemas conceituais são acessíveis nels mesmos, a mente apenas pode diferenciá-los conforme o acesso à eles se considerem como elemento organizacional. Com isso a experiência mostra quais objetos são mais eficientes para produção de conhecimento, condiciona as impropriedades ou as relevâncias para suprir determinado problema. Assim pode-se dizer que para o idealista a mente *é* que fornece o acesso seguro ao mundo, enquanto para o empirista o mundo *é* que atribui à mente a veracidade de um determinado esquema conceitual.

No entanto, ao se ler especificamente esses dois filósofos há questões que mais os aproximam do que os distanciam. Para ambos há uma necessidade de contato da realidade. Berkeley ao argumentar a existência de uma substância, expõe a prevalência de uma subordinação da diferença ao semelhante de forma que o discurso parece como uma fala diante do espelho. Já para Quine ao indetificar que certos esquemas conceituais são mais eficientes que outros, não é difícil haver uma natureza manipulável para projetar qual

possui maior importância perante o outro. Mesmo com a resolução de tipos de entidade como supostos culturais é justamente a partir disso que revela a variedade de interpretações em prol da "interpretação mais segura" epistemologicamente. É um exemplo desta "segurança" como similar à existência de uma substância única, i.e. enunciado etnocêntrico de que "Vários povos interpretaram a lua de diversas maneiras, mas só um povo teve acesso à ela".

2- A ciência se formou na história do Ocidente como meio de investigação da natureza. Uma investigação que busca um controle dos fenômenos para seu acesso à verdade. Situação que é bem ilustrada no afreísmo de Nietzsche sobre o ideário apolíneo do Ocidente de que "a ciência não se conforma em entender o ser, mas quer corrigi-lo". Apesar dessa vontade de verdade, a ciência se põe novamente em relação aos acontecimentos. Justamente assim de Popper simboliza o quanto de neutralidade a ciência deve possuir para que os resultados não sejam enviesados.

Assim podemos ler a relação entre o científico e o extra-científico como algo que pode haver certa conectividade, ainda assim a veracidade de um resultado científico é certificado quando não há valores em sua verdade. Por efeito cria-se centros de pesquisa que tendem regular a produção de conhecimento e julgar, avaliar, o quanto uma produção extra-científica possui tanto grau de aceitabilidade. Entretanto, vale questionar se é possível uma produção científica sem ser consigo um valor extra-científico? É válido todo conhecimento que não interaja com o mundo?

Essas perguntas tem como resposta a negação se levarmos em conta as observações de Santiago Castro-Gómez sobre a "Hybris do Ponto Zero". Essa denominação confronta a passagem de Karl Popper, pois "Ponto Zero" sugere a neutralidade científica de maneira que a ciência se põe afasada totalmente do mundo (similar à metáfora de Deus Absconditus). Já a "Hybris" revela a desmesura dessa tentativa do "Ponto Zero", já que é impossível uma produção científica que não tenha nela mesma uma valorização "extra-científica". Valorização seja através da utilização dos mé-

Todos, seja na distribuição dos resultados obtidos. No entanto, esse mito da neutralidade científica perdura por justamente o contrário necessita uma regulação daquilo e de quem pode ser validado como produtor ou produtor de conhecimento.

3- A dialética é um método filosófico de enorme importância para o século XIX e XX. Principalmente se partimos do desdobramento hegeliano da dialética. Se Hegel interpretou a dialética a partir de Heráclito inserindo o movimento de tese, antítese e síntese, isso foi possível por efeito de percepção de que o absoluto acontece em partes para o sujeito. Esse acontecimento ocorre, pois há no sujeito uma finitude articulada com a história. Por isso, interpretar essa passagem de Adorno é entender como o conhecimento tem aplicabilidade real no mundo e não somente o descreve.

Para haver essa aplicabilidade é necessário entender como o sujeito histórico pode localizar-se nessa produção de conhecimento. Em grande medida a contemporaneidade revela o negativo como o meio de intermediação de conhecimentos. Principalmente porque o não-ser por muito tempo não foi objeto de investigação lógica e diante das críticas pós-hegelianas a negatividade tornou-se o centro de avaliação, pois o julgamento não é sempre a partir de que falta ao centro e não do que é o contrário. Por essa maneira Adorno elaborou uma dialética negativa que funciona sem a síntese, ou pelo menos a síntese é impossibilitada pela finitude do sujeito. Por consequência há entre a alienação e o esbranheamento uma relação cada vez mais condicional, pois o sujeito se aliena com o exterior para esbranhar com o seu próprio interior.

Portanto, a dialética nas condições contemporâneas lida com o conhecimento a partir daquilo que o sujeito pode produzir e não somente pelo que deseja conhecer.